

Olhares sobre a representação fílmica da surdez

Ana Cristina Queiroz Agria

Resumo

A pesquisa tem como objetivo principal estudar os olhares nos filmes que apresenta a revelação cultural na área de surdez. O estudo mostra os filmes em que aparecem personagens surdos e comparar os filmes que foram criados em três épocas diferentes da vida social, cultural e educacional no mundo ocidental. E foram apresentadas as reflexões importantes acerca da diferença entre tratamento patológico e antropológico em que os sujeitos foram submetidos. Isso poderá levar muitas informações para conhecer o mundo dos surdos. E também poderá contribuir futuros estudos na área de Educação, Comunicação e outras, já que a revelação cultural está a caminho.

Introdução

Os conceitos aplicados neste estudo estão todos relacionados à pesquisa sobre língua de sinais, cultura surda, comunidades surdas, identidades surdas, centralidade da visão no mundo surdo e outros. Pois é uma pesquisa relacionada a um campo de pesquisa em que a surdez é vista como uma diferença cultural e não como deficiência. Atualmente tem-se ouvido falar em surdos e em língua de sinais – Libras (sigla de Língua Brasileira de Sinais) ⁽²⁾, mas, o que realmente sabemos sobre os surdos? Torna-se relevante apresentar os momentos na história desses indivíduos que certamente contribuem para que os surdos a cada momento conquistem o espaço que lhes é devido. Assim, refletir sobre a vida do sujeito surdo exige, entre outros aspectos, uma compreensão de sua história sobre a vida do Povo Surdo e Comunidade Surda que apresenta uma divisão de quatro fases mais marcantes na história de indivíduos surdos: Desconhecimento cultural, Revelação Cultural, Isolamento Cultural e Restauração Cultural.

E o que observamos nos discursos das pessoas que não conhecem os surdos na realidade e as línguas de sinais é uma série de crenças que não correspondem à realidade. As pessoas pensam coisas sobre as línguas de sinais,

porque por muitos anos houve ideias a respeito do surdo que foram disseminadas por meio da filosofia, religião e política. Isso levou a pensar que as ideias sobre a cultura surda sejam verdadeiras, porém, é fruto de desconhecimento. Apesar do impacto das concepções errôneas sobre a cultura surda, as pouquíssimas pesquisas avançaram muito e nos mostraram que tais concepções são equivocadas. Portanto apresento evidências para desmistificar tais ideias, com alguns conceitos.

(1) LIBRAS é uma sigla que foi votada e aprovada pela Feneis para denominar a Língua Brasileira de Sinais no ano de 1993, foi oficializada federalmente pela lei nº10.436 pelo presidente de república, Fernando Cardoso, em 24 de abril de 2002. Antes os lingüistas Brito e Felipe utilizavam a sigla LSBC e atualmente usam a LIBRAS. Tem outros pesquisadores, tais como a lingüista Ronice Muller de Quadros e o pesquisador ator surdo Nelson Pimenta utilizam a LSB em suas publicações por esta sigla seguir os padrões internacionais de denominações de língua de sinais

Os termos “Surdo” e Surdez” são preferidos pela Comunidade Surda por considerarem “deficiente auditivo” e “deficiência auditiva” são termos que escondem preconceitos com relação a pessoas surdas, cuja falta de audição levou-as a desenvolver habilidades específicas como uma língua visual-gestual. Portanto, não são deficientes e sim caracterizados por três questões centrais:

1. Surdos não são deficientes de língua oral, são pessoas que desenvolvem outra língua para se comunicar.
2. Não vivem as deficiências auditivas, mas uma experiência visual;
3. As consequências políticas, sociais, culturais e pedagógicas levaram a considerar uma proposta bilíngue para os surdos, como ocorre com outras minorias linguísticas, sociais e culturais.

Momentos históricos marcantes

A história da educação do surdo não foge a norma de que a mesma que estuda o passado para compreender o presente das instituições, dos métodos, das concepções e também para antever o futuro, fornece elementos para evitarmos o risco de nos fecharmos em horizontes estritamente limitados. Alias, é

parte da educação, apesar de poucos livros fazerem referências a ela. Como ocorre com a educação geral, observam-se diferentes tendências, marcadas não só pelos movimentos políticos, sociais, econômicos, como também, científicos e tecnológicos. Assim, podemos refletir sobre a educação do sujeito surdo que exige, entre outros aspectos, uma compreensão de sua história. Para resumir o decorrer da história, propõe-se a dividir em quatro grandes etapas que tem as seguintes denominações:

1. Desconhecimento Cultural (Idade Antiga até 1453)
2. Revolução Cultural (1453 a 1880)
3. Isolamento Cultural (1880 a 1960)
4. Restauração Cultural (1960 até dias atuais)

Pretende-se aqui mostrar a evolução histórica da língua de sinais, a partir das diferentes visões em relação a essa língua e também aos surdos, em diversos lugares do mundo para tal. A língua de sinais já existia antes de Cristo e está presente em muitas histórias no mundo todo, desde tempos remotos até os dias de hoje. Todavia resumidamente e com fatos principais, divididos em etapas conforme e de acordo por outras pesquisas realizadas. É fundamental mostrar a história de um povo, neste caso dos surdos e ver o quanto foi conquistado, e isto, só foi possível, porque a comunidade surda descobriu sua identidade cultural através do uso da língua de sinais.

A língua de sinais sempre esteve presente na comunicação dos surdos. Quando foi banida das escolas para surdos, sendo considerada como gestos e mímicas inapropriadas e insuficientes para aprendizagem, segundo os ouvintes, ainda assim os surdos continuaram a usá-la. A língua de sinais proibida em todo o mundo sobreviveu nas ruas. E o uso dela promoveu nos surdos uma consciência de que ele era instrumento importante no processo de formação de identidade e cultura, e que deveriam lutar para sua permanência entre os surdos.

E finalmente a Lei de LIBRAS foi oficializada no ano de 2002 e regulamentada no ano de 2005. Isso levou a abrir as portas para os surdos terem oportunidades na área escolar, profissional, social e cultural.

Estudo comparativo dos filmes e das épocas

O estudo mostra os filmes em aparecem os personagens surdos e comparar os filmes que foram criados em três épocas diferentes da vida social, cultural e educacional no mundo ocidental. Lembremos que o cinema pode funcionar para produzir conhecimento e cultura, fixar identidades, instaurar sentidos sobre os sujeitos surdos. E para pôr em exercício essa produção, fixação e instauração de sentidos, os filmes são constituídos de uma intertextualidade de saberes sobre a alteridade surda que não são neutros, nem unânimes. Então, em relação à maioria dos filmes sobre surdos observados – produzidos, dirigidos e assistidos por ouvintes – sempre importa mais a oralização ou normalização dos surdos. Eles enfatizam a falta de audição e como a surdez pode complicar a vida futuramente, essa é a principal temática de tais filmes. Poucos valorizam a cultura surda e língua de sinais.

Breve descrição dos filmes estudados e algumas análises

Descrevo a seguir os três filmes que analisei: *Nunca é tarde* (Título original: *AndNowTomorrow*. Diretor: Irving Pichel. Ano 1944, USA. Drama, 86 min., preto-e-branco), *O Martírio do Silêncio* (Título original: *Mandy*. Diretor: Alexander Mackendrick. Ano 1952, Inglaterra. Drama, 93 min., preto-e-branco) e *O País dos Surdos* (Título original: *Le pays des sourds*. Diretor: Nicholas Philibert. Ano 1992, França. Drama, 99 min., a cores). Apresento esses filmes que foram produzidos na época de Isolamento Cultural, em que os surdos são apresentados “invisíveis”, e que são oralizados e essa oralização está longe da realidade dos surdos, pois nem todos tinham a habilidade fonológica de emitir palavras ou frases completas, nem todos tinham habilidade para fazer a leitura labial, mas todos tinham

condições e habilidades de sinalizar. Porém, a ideologia ouvintista pensava saber o que era melhor para o surdo, e o processo natural de aquisição de linguagem através de língua de sinais não era, para esta ideologia, o melhor para os surdos, e tudo em nome de um parâmetro considerado “normalidade” e “padronização”. O uso de língua de sinais era proibido, faz com que os surdos não conheçam sua língua natural e materna, ou então mostrava que é apenas como apoio e não como a língua real. Na perspectiva de meu estudo, as pesquisas são produzidas a partir da atuação dos indivíduos na produção de significados e de relações sociais.

Com base nesses entendimentos, neste recorte apresento alguns estudos de narrativas dos filmes sobre os surdos e a surdez sobre esses mesmos filmes, problematizando como as representações e discursos presentes na cultura atravessam e configuram a educação de surdos, constituindo os tempos e espaços de aprendizagem no campo da educação dos surdos.

Porém a falta de compreensão da cultura surda tem sido um problema na história dos surdos, nos quais sofreram negligências e perseguições historicistas (que apresenta uma doutrina segundo a qual cada período da história tem crenças e valores únicos; devendo cada fenômeno ser entendido através do seu contexto histórico).

Estudo do filme: sou surdo e não sabia

Escolhi um filme que é narrado por uma surda que conta suas expectativas, lutas, superações, com muita garra para mostrar que é surda e não deficiente auditiva. O nome do filme é “*Sou surdo e não sabia*”, produzido em França, no ano de 2009. O filme conta a história de Sandrine, que faz sua narrativa em língua de sinais e diz que seus ouvidos são apenas para enfeitar e não para audição. Ela mostra que o mundo podia ser adaptado para ela não tornar deficiente e sim respeitar seu espaço. Esse filme apresenta os fatores reais em todas as áreas na vida dos surdos: família, trabalho, escola, sociedade e entre outros.

Justificativas

Há muita diferença entre quatro filmes, em cada etapa diferente teve muita evolução e descoberta sobre diferença e cultura surda. Quando mais estuda, mais descobre que não tem nada a ver com deficiência. O problema não é surdez e sim o que a sociedade que determinou. E comprovaram as narrativas nos filmes que tratam os modos de ser e viver a surdez como uma condição anormal, segundo os pressupostos das sociedades modernas, proponho fazer neste texto, uma reflexão sobre os sentidos atribuídos à existência surda. Vejamos nos dois filmes (Nunca é tarde; O Martírio do Silêncio) que os surdos não tiveram suas identidades surdas positivas, são manipulados e orientados pelo ouvintismo. E no terceiro filme (O País dos Surdos), já começa a abrir os olhos sobre diferença e mais realidade. E no último filme veio a “completar” o conhecimento sobre surdez.

Conclusão

Para finalizar este trabalho, é preciso considerar para retomar alguns conceitos dos estudos sobre a cultura surda que servem de instrumento para nosso estudo, como o conceito de “representação”. Nesses filmes estudados são trazidas representações dos surdos e da surdez, formas de mostrar personagens surdos dentro de enredos. Todavia as representações se articulam com o poder cultural. Uma vez que as representações envolvem um processo de seleção em que certos signos são privilegiados em relação a outros. Esses conceitos são representados nos meios noticiosos, nos filmes, ou até na conversa cotidiana.

Através da descrição de algumas cenas dos filmes, pudemos ver como as representações da normalização do surdo pela oralização e pela busca do aproveitamento de audição e fala oral são mais frequentes e importantes do que as representações da cultura surda e da utilização da língua de sinais.

Em especial, os filmes sobre surdos poderiam propor um modelo para que os surdos vissem esses personagens inseridos em uma cultura surda com suas identidades e não na deficiência. As representações de surdos nos filmes interpelam os surdos que os assistem, mostrando “como eles podem ser” e o que é desejável, propondo, assim, uma identidade e não outra. Isso aplica também aos ouvintes que vejam os surdos como diferentes, possivelmente vivendo no mesmo mundo com igualdade, respeito e colaboração.

É importante ressaltar que, mesmo sendo datados e ainda que *O país dos surdos* dê mais espaço para a língua de sinais, poesia surda e muitas outras manifestações do que *Nunca é tarde* e *O martírio do silêncio*, no qual a valorização é toda do oralismo, e as identidades surdas mostraram fracas, que podemos encontrar diante da representação estereotipada da surdez ou desconhecimento da surdez como questão cultural. Refletem a situação de deficiência, da incapacidade, de inércia, de revolta.

E *Sou surdo e não sabia* nos relembra que o fato de alguns dos mais respeitáveis teóricos da cultura preocupam-se com o papel desempenhado pelo cinema nas sociedades é mais um indicador de que sua influência não se restringe aos limites de diversão. E a personagem mostrou sua identidade surda plena, é mais politizada, tem consciência da diferença e a língua de sinais como a sua língua nativa. Usou os recursos e comunicações visuais. Isso poderá levar muitas informações para conhecer o mundo dos surdos e sensibilizar as dificuldades que podiam ser amenizadas com acessibilidade, respeito e colaboração.

Referências

GESSER, A. *LIBRAS? Que língua é essa? Crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda*. São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

HALL, S. The work of representation. In: HALL, Stuart (org). *Representation: cultural representations and signifying practices*. London: Sage, 1997b.

PERLIN, G.T.T.; STUMPF, M. R (organizadoras)., *Um olhar sobre nós surdos: leituras contemporâneas*. Curitiba, PR. Editora CRV. 2012.

SKLIAR, C. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

THOMA, A. da S. *Olhares sobre a escola e a diferença surda na pedagogia do cinema*. In: XVIII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2006, Pernambuco/Recife. ANAIS do XVIII ENDIPE - Encontro Nacional de Didática e Prática de Ensino, 2006. p. 0-14.

Autora



Ana Cristina Queiroz Agria é mestre em Comunicação pela Universidade Anhembi Morumbi. Pós-graduada em Educação Inclusiva pela Universidade São Luís. Graduada em Comunicação Social e Pedagogia pela Universidade Anhembi Morumbi e Letras/Libras pelas Universidade Federal de Santa Catarina. Proficiência reconhecida pelo MEC/Prolibras no uso e no ensino de Libras e Tradução e Interpretação da Libras. Atua como professora da Universidade Anhembi Morumbi na área de Educação e Artes. Contato: anacris0206@gmail.com.